

BRASILIENSES NO LIMBO

Bernardo Scartezini
Da equipe do **Correio**

ROSA PASSOS NÃO QUER OUVIR FALAR DE *RECREIAÇÃO*.

"AH, NEM SEI DESSE DISCO...", BRINCA. ROSA NEM SABE DIZER SE AINDA TEM GUARDADO UM VINIL DO ÁLBUM DE 1979, LANÇADO PELO FALIDO CHANTCLAIR. DEVE ESTAR SUMIDO, EMPOEIRADO ANONIMAMENTE EM ALGUMA ESTANTE. UM DIA, ELA ACHA. POSSIVELMENTE, NA FAXINA.

A cantora baiana, que mora em Brasília desde os anos 70, não gosta de *Recriação*, seu primeiro LP — nunca lançado em CD. Com músicas como *Formicida*, *Corda e Flor* (que seria gravada por Nana Caymmi), o álbum, produzido no estúdio carioca Havaí (que não existe mais), traz um trabalho que agora não interessa a sua autora. "É hermético, pesado. Eu ainda não tinha consciência de minha música", analisa. No repertório de Rosa não cabem mais composições como o bolero *Formicida*..., parceria com Fernando de Oliveira, de temática suicida. A Rosa Passos versão 1999 prefere as bossas de Tom Jobim.

De qualquer forma, as *masters* (fitas magnéticas com a gravação original das músicas a partir da qual se copiam os LPs) de *Recriação* se perderam. A gravadora faliu; ninguém sabe, ninguém ouviu. Hoje, *Recriação* é um álbum perdido. Como muitos outros discos da música de Brasília, cidade nova aos 39 anos — mas velha a ponto de não se lembrar mais de suas próprias canções.

E se o rock foi o gênero mais barulhento na breve história da cidade, justamente são os roqueiros os mais esquecidos. Principalmente a geração dos anos 80, filhote do *punk*, importado da Inglaterra para a Colina da Universidade de Brasília. Se a Legião Urbana virou religião, com seus nove álbuns sempre renovados nos estoques das lojas, seus contemporâneos não tiveram sorte.

De todas coletâneas pau-de-sebo (com várias bandas iniciantes para ver se conseguia algum *hit*) de rock regionais dos anos 80, só a de Brasília não foi reeditada. *Rock Grande do Sul*, dos gaúchos, e *Rock Voador*, dos cariocas, voltaram às lojas nos últimos dois anos. *Rock*

Wanderlei Pozzembom 10.1.97



As gravações originais de *Recriação*, primeiro LP da cantora Rosa Passos, se perderam — como aconteceu com vários discos de artistas de Brasília

Brasília: Explode Brasil ainda não.

E a Plebe Rude, por exemplo, só teve os primeiros três discos remasterizados e lançados em CD no início de 1998. *O Concreto já Rachou* (1986), *Nunca Fomos tão Brasileiros* (1987) e *Plebe Rude* (1988) pararam num pacotinho da série *Portfólio*. Tiragem pequena: duas mil cópias. Não deu nem para o baixista André Mueller agarrar a sua. Agora depende da EMI, detentora dos direitos sobre as gravações, soltar mais CDs.

O Capital Inicial nem isso conseguiu. Apesar de a banda ter voltado às boas no ano passado, com *Atrás dos Olhos* (Abril Music), a PolyGram não reeditou os quatro primeiros vinis do conjunto. O vocalista Dinho Ouro Preto tentou convencer a gravadora de que valia a pena. Mas a PolyGram preferiu a coletânea *O Melhor de Capital Inicial* e um disco de *remixes* — sem nem avisar os músicos.

mesma EMI, de Plebe e Legião, assinou com o *Finis Africac*, em 1986,

para lançar o disco homônimo da banda. O álbum vendeu 50 mil cópias na época. "Se fosse reeditado, venderia uns 10% desse número. E qual gravadora esbanja cinco mil discos para um produto que já é dela e só precisa ser remasterizado?", pergunta o baterista do Finis, Ronaldo Pereira. A EMI não concorda. Ronaldo também foi atrás da gravadora, que não demonstrou interesse. Nem ao saber que o Finis voltou à estrada.

Resultado: a banda gravou em Brasília, em maio, show no Anfiteatro do Lago Sul. O espetáculo deve virar CD ao vivo. "Como a gravadora não reedita o disco e nem licenciou as músicas para que nós o relançássemos... Regravamos nós mesmos", explica Ronaldo, hoje morando no Rio.

Ronaldo até perdeu a conta das vezes que emprestou seu vinil do Finis para amigos gravarem a raridade. O diplomata carioca Sérgio Costa Couto, ex-percussionista e cantor do *Obina Shock*, também empresta seu álbum para os amigos. Ele não procurou a BMG (que incorporou a RCA, selo original da banda) para saber das *masters*. Ninguém da banda se interessou em um relançamento em CD.

No limbo do rock-Brasília, há ainda o caso do Sebo do Disco. O Finis Africac teve seu EP homônimo, lançado em 1985 pelo selo brasiliense. O Sebo lançou ainda a coletânea *Rumores* — com Escola de Escândalo, Detrito Federal, Elite Sofisticada e Finis. Se Ronaldo Pereira ao menos sabe que as *masters* do LP do Finis estão guardadas nos porões da EMI, ninguém faz a menor idéia de que fim le-

varam as gravações do Sebo do Disco.

"A última história que sei do Isnaldo Lacerda (*dono do Sebo*) é de que ele se mudou para o Nordeste", conta Paulo César Cascão, ex-vocalista do Detrito. As *masters* dos álbuns *Finis Africac* (o EP) e *Rumores* e do projeto *Rumores 2* (que teria grupos como 5 Gerais e Terceiro Ato) teriam sido destruídas em incêndio.

O Detrito ainda gravou seu primeiro LP, *Vitimas do Milagre*, no Estúdio A da gravadora PolyGram. O álbum saiu em 1987 e vendeu 48 mil cópias. Também está fora de catálogo. Cascão, que guarda a sete chaves um vinil em bom estado, gravou as músicas em CD — para consumo pessoal.

Mas o rock de Brasília é mais velho do que a turma dos anos 80. Os *Primitivos* foram a primeira banda da cidade a gravar um LP: *Os Primitivos do lê-lê-lê*, em 1967, pela Poly-

dor (que, com a Gramophone, viraria PolyGram). Antes, a banda tinha participado da coletânea pau-de-sebo *Os Novos Reis do lê-lê-lê*, entre novatos como Wanderléa e Ronnie Von — também nunca reeditada.

O advogado Everardo Sales, um dos fundadores dos Primitivos, não faz a menor idéia de que fim levaram as *masters*. Como Sérgio, mata a saudade da banda se reunindo com os ex-colegas para fazer o *rockabilly* novamente.

"Muitas vezes o próprio músico não dá muito valor ao que está gravando. Nem se preocupa com *masters* ou direitos", diz Remy Portilho, tecladista do Oficina Blues. Remy tocava no *Mel da Terra*. E o disco homônimo do grupo, vendeu 25 mil cópias em 1982, pelo selo independente paulista Vão Livre. O selo fechou, as *masters* acabaram nas mãos da produtora da banda, a Mercury. Remy lamenta. Agora, 16 anos depois, quer ir atrás da produtora, para remasterizar o LP. "Esse disco faz parte da história da cidade", justifica.

Do rock para a MPB, a memória musical não melhora. O trio Clodo, Clímério e Clésio tem seis álbuns fora de catálogo. Um recorde. Três dos discos, independentes, podem ser relançados, pois as *masters* estão com eles. Os outros tiveram suas fitas magnéticas perdidas.

"É necessário um trabalho de arqueologia para salvar a música brasileira", lamenta Clodo Ferreira, professor da Faculdade de Comunicação da UnB. "Cada artista que surge hoje, ou cada apreciador da música brasileira, tem que descobrir o que foi feito antes como um arqueólogo. Não sabemos o que nós mesmos fizemos."

Reco do Bandolim, líder do *Choro Livre*, lembra dos dois discos de seu grupo que o tempo apagou, *Chorando Calado* (1981) e *Aos Mestres com Ternura* (1987). Nem faz tanto tempo assim que os *bolachões* saíram. Mas parece. "Nem lembrava deles", Reco dá uma risada, desencavando os vinis do armário.

O músico lembra que as secretarias de cultura da Bahia e de Pernambuco promovem (re)lançamentos de discos regionais, apóiam seus músicos. "Eles têm uma noção de cultura local", acredita. Mas Reco é um otimista. "Brasília é uma cidade nova. Até bem pouco tempo, a cultura de cada um era a cultura que se trazia de seu estado. Hoje, existem brasilienses. E esse povo vai querer aprender sua história. Vai sentir necessidade de conhecer seu passado." Para Reco, Brasília, com o tempo, deve recobrar a memória. Novamente ouvir suas canções. Tirar o mofo dos vinis empenados.

FINIS AFRICAE

Armadilha foi o hit que levou a banda brasiliense do selo candango Sebo do Disco até a multinacional EMI — a mesma de Plebe Rude e Legião Urbana. Mas divergências internas levaram o grupo a fim prematuro, logo em 1987, no ano seguinte do seu estouro. faziam um rock influenciado fortemente pelo som gótico de Bauhaus e Siouxsie and the Banshees.

Divulgação



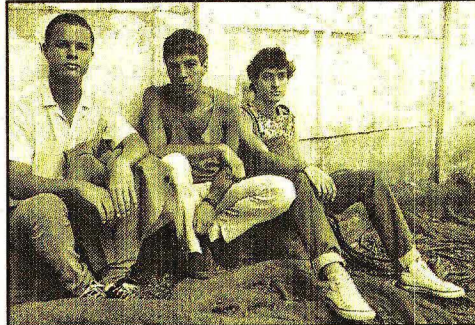
OBINA SHOCK

Mistura reggae com ritmos africanos e MPB enfatizando a percussão — tipo de leitura pop do som que seria chamado de *world music*. Estourou com *Vida*, com Gilberto Gil e Gal Costa — presente no álbum *Obina Shock*. A entrada, na última hora, de *Vida* tirou a faixa *Anthô* do disco. Gravada na *master* do álbum, *Anthô* é uma das poucas sobras de estúdio do Rock-Brasília.

OS PRIMITIVOS

O texto da contracapa de *Os Primitivos do lê-lê-lê* apresenta a primeira banda da capital a gravar um disco: "Esses moços são de Brasília, cidade grande, bela e de uma mocidade comovente". Era 1967 e a banda, formada das cinzas do grupo vocal Weps, enfileirava versões roqueiras (inspiradas no *beat* inglês) para temas como *Asa Branca* (Luiz Gonzaga) e *Mulher Rendeira* (do folclore nordestino). Os *Primitivos* participaram ainda da coletânea *Os Novos Reis do lê-lê-lê*, também de 1967, ao lado dos estreantes Wanderléa e Ronnie Von.

Mila Petrillo 8.7.86



MEL DA TERRA

A música *Estrela Cadente* projetou o Mel da Terra em 1982. Na época, a faixa etária do grupo era de 16 anos. O som, meio rock, meio MPB, algo psicodélico. O tecladista Remy Portilho reclama que o LP *Mel da Terra*, por influência dos produtores, registrou apenas as músicas mais MPB, deixando de lado as suítes progressivas que rolavam nos shows do conjunto.

Carlos Silva 15.11.98



CHORO LIVRE

Um dos grupos instrumentais mais elogiados do país. Dedicado ao choro, lançou dois discos com produção da Federação Nacional dos Trabalhadores do Banco do Brasil (Fenab): *Chorando Calado* e *Aos Mestres, com Carinho*. O terceiro álbum, *Choro Livre*, de 1989, teve mais sorte e foi reeditado em CD pela Kuarup. É o anfitrião dos músicos que passam pelo Clube do Choro.